

**PET Indígena**

12 de julho de 2020 · 🌐



Bom dia parentes, companheiros e parceiros que lutam em prol das comunidades indígenas, aqui apresento um pequeno relato sobre como a pandemia surpreendeu a minha Aldeia Anawera. Eu me chamo Jaizinho Mauricio Monteiro, professor de Matemática, Graduado na Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá e Pós-Graduado em Matemática na mesma Universidade.

A Covid-19 é um vírus assassino e assustador que surpreendeu a minha aldeia e as outras aldeias também. Quando começou a pandemia a gente já sabia que ela ia chegar em nossa comunidade, porque minha aldeia fica às margens da BR-156, no km 100, essa BR liga Macapá ao Oiapoque. Por causa da BR o acesso de pessoas na aldeia é constante, mas a comunidade se reuniu para fechar a entrada de pessoas desconhecidas dentro da aldeia nesse período de pandemia. Nossa comunidade não tinha internet, o que dificulta mais ainda a comunicação com nossas famílias e parentes de outras comunidades. A gente ficava só vendo na televisão as pessoas morrendo, o que dava mais medo e ficava todo mundo tenso, mas nossa aldeia não parou de agir, um aconselhando o outro, sempre clamando a Deus que ele nos protegesse. Alguns dias depois do dia das mães tive que me deslocar com o Sergio dos Santos até a Aldeia Tukay, de noite, para usar a internet e saber informações e notícias de nossas famílias e parentes que moram em outras aldeias. Esse dia me marcou, porque não sabíamos de nada e o vírus já estava nas aldeias indígenas do Oiapoque. A primeira notícia que recebemos foi da Aldeia Kumarumã, a maior aldeia do meu povo e onde estão muitos parentes. Essa notícia chocou minha aldeia Anawera, era umas 23 horas quando voltamos e avisei a comunidade, todo mundo ficou desesperado, era como se fosse todo mundo morrer, porque sabiam que não tinha medicamento e que as comunidades não estavam preparadas.

Mas Deus deu a natureza e a sabedoria para sabermos usá-la e protegê-la. Meu pai é o pajé Levê, o conhecimento dele das plantas ajudou muito, conhecimento dos remédios tradicionais. Quando senti os primeiros sintomas pensei nos meus filhos e nos meus pais, porque são bem idosos, minha mãe tem 88 anos e meu pai tem 91 anos, pensei que eles não iam aguentar, eu pensei que ia perder meus pais. Cada pessoa, cada idoso que morria, ninguém podia contar para os meus pais, porque não podia deixar eles sem esperança de sobreviver, porque eles também pegaram a Covid-19. Mas o meu pai tinha a visão dele, de pajé, ele sabia o que estava acontecendo, ele enxerga essa maldade do outro mundo, ninguém consegue esconder nada dele. Na casa do meu pai era só remédio para combater várias doenças, eu, meus irmãos, sobrinhos, cunhados, todos estavam sem esperança, mas ele é um guerreiro. Usamos nossos remédios tradicionais para combater esse vírus, porque não adianta a gente ir para a cidade, lá não tem medicamento, ninguém pode te visitar e socorrer, é diferente da nossa aldeia. Através desses remédios tradicionais meu pai está se recuperando, na aldeia todos estão ficando curados. Por isso temos que preservar e dar valor aos nossos conhecimentos tradicionais da natureza.

Aldeia Anawera, Oiapoque, Brasil

08 de julho de 2020

[#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Bonjour chers parents, compagnons et partenaires qui luttent en faveur des communautés indigènes, ici je présente un petit récit sur comment la pandémie a surpris mon Village Anawera. Je m'appelle Jaizinho Mauricio Monteiro, professeur de Mathématiques, Étudiant en Licence Interculturelle Indigène de l'Université Fédérale de Amapá et Master en Mathématiques dans la même Université.

Le Covid-19 est un virus assassin et effrayant qui a surpris mon village et les autres villages aussi. Quand la pandémie a commencé, on savait déjà que ça allait arriver dans notre communauté, parce que mon village est situé en marge de BR-156, au km 100, ce BR relie Macapá à Oiapoque. À cause du BR, l'accès des personnes dans notre village est constante, mais la communauté s'est réunie pour fermer l'entrée de personnes inconnues dans le village pendant cette période de pandémie. Notre communauté n'avait pas internet, ce qui a rendu encore plus difficile la communication avec nos familles et parents des autres communautés. On assistait seulement à la télévision les personnes mourrantes, ce qui faisait plus peur et tout le monde était tendu, mais notre village n'a pas cessé d'agir, l'un conseillant l'autre, toujours criant à Dieu de nous protéger.

Quelques jours après la fête des mères, j'ai dû me déplacer avec Sergio dos Santos jusqu'au village Tukay, la nuit, afin d'utiliser internet et avoir des informations de nos familles et parents qui vivent dans d'autres villages. Ce jour m'a marqué, parce que nous ne savions rien et le virus était déjà dans les villages indigènes de Oiapoque. La première information que nous avons reçu était du village Kumarumã, le plus grand village de mon peuple et où se trouvent beaucoup de parents. Cette information a choqué tout mon village Anawera, il était environ 23h quand nous sommes revenus et j'ai avisé la communauté, tout le monde était désespéré, c'était comme si tout le monde mourrait, parce qu'ils savaient qu'il n'avait pas de médicament et que les communautés n'étaient pas préparées.

Mais Dieu a donné la nature et la connaissance pour que nous sachons l'utiliser et la protéger. Mon père est le chaman Levê, sa connaissance des plantes a beaucoup aidé, la connaissance des remèdes traditionnels. Quand j'ai commencé à sentir les premiers symptômes j'ai pensé à mes enfants et à mes parents, parce qu'ils sont très vieux, ma mère a 88 ans et mon père a 91 ans, j'ai pensé qu'ils n'allaient pas supporté, j'ai pensé que j'allais perdre mes parents. Chaque personne, chaque personne âgée qui mourrait, personne ne pouvait raconter cela à mes parents, parce que je ne pouvais pas les laisser sans espérance de survivre parce qu'ils avaient eu aussi le Covid-19. Mais mon père avait sa vision, de chaman, il savait ce qui se passait, il a vu ce mal de l'autre monde, personne n'arrive à rien lui cacher. Dans la maison de mon père il y avait seulement des remèdes pour combattre plusieurs maladies, moi, mes frères, neveux, beaux-frères, tous étaient sans espoir, mais il est un guerrier. Nous avons utilisé nos remèdes traditionnels pour combattre ce virus, parce que cela ne sert à rien d'aller en ville, là bas il n'y a pas de médicaments, personne ne peut te visiter et te secourir, c'est différent de notre village.

Au travers de ces remèdes traditionnels mon père se récupère, dans le village tout le monde guérit petit à petit. C'est pourquoi nous devons préserver et donner de la valeur à nos connaissances traditionnelles de la nature.

Village Anawera, Oiapoque, Brésil

08 Juillet 2020

Traduit par Manuella Adèle Fifamè CHOKKI

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Good morning, relatives, colleagues and buddies who advocate for the indigenous communities, I am here to tell you a short testimony about how the pandemic surprised my Anawera Village. My name is Jaizinho Mauricio Monteiro, I am a professor of Mathematics, I have a degree in the Intercultural Indigenous course at the Federal University of Amapá and a graduate degree in Mathematics at the same university.

Covid-19 is a killer and scary virus that surprised my village and others as well. When the pandemic started, we already knew that it was going to arrive in our community, because my village is next to the highway BR-156, which connects Macapá to Oiapoque. Due to this highway, the access of people in the village is frequent, but the community decided to close the entrance of people that come from outside the village during this pandemic period. Our community has no internet, which makes communication with our families from other communities even more difficult. We have been watching on television people dying and that made us more afraid and tense, but our village did not stop completely, we have been advising each other and crying out to God always protect us.

A few days after Mother's Day, I had to travel at night with Sergio dos Santos to Tukay Village to use the internet and get information about our relatives who live in other villages. That day marked me, because we didn't know it, but the virus was already in the indigenous villages of Oiapoque. The first news we received was from Kumarumã Village, the largest village of my people and where many of my relatives are. This news shocked my Anawera village. It was about 11 pm when we came back and told the community about what was going on, so everyone was desperate, it was like everyone was going to die, because they knew they had no medicine and that the communities were not prepared.

God gave us the nature, but also wisdom so that we can know how to use it and protect it. My father is Pajé Levê (Shaman Levê), his knowledge of plants and traditional remedies helped us a lot. When I felt the first symptoms, I thought about my children and my parents, because they are very old, my mother is 88 years old and my father is 91 years old, I thought they would not be able to stand it, I thought I was going to lose my parents. Every person, every elderly person who died, I tried not to let my parents know, because I couldn't let them get hopeless, since they already caught Covid-19. But my father had his own point of view as a shaman (pajé). He knew what was happening, he can see the perversity of the "other world", nobody can hide anything from him. In my father's house, we had nothing but a lot of medicines to treat various diseases. Me, my brothers, nephews, brothers-in-law, everyone was hopeless, but my father is a warrior. We have been using our traditional remedies to fight this virus, since it is useless to

go to the city. There is no medicine there, no one can help you, it is different from our village. Through these traditional medicines my father is recovering, in the village everyone is getting better. That is why we have to preserve and value our traditional knowledge of nature.

Anawera Village, Oiapoque, Brazil

July 8, 2020

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

[#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Buenos días familiares, colegas y amigos que luchan por el beneficio de las comunidades indígenas, aquí presento un breve relato sobre cómo la pandemia sorprendió a mi pueblo Anawera. Mi nombre es Jaizinho Mauricio Monteiro, profesor de Matemáticas, Graduado en Licenciatura Intercultural Indígena de la Universidad Federal de Amapá y Postgrado en Matemáticas en la misma Universidad.

El Covid-19 es un virus asesino y aterrador que sorprendió a mi aldea y a otros también. Cuando comenzó la pandemia ya sabíamos que iba a llegar a nuestra comunidad, porque mi pueblo está a orillas de la carretera BR-156, en el km 100, este BR conecta Macapá con Oiapoque. Debido al BR el acceso de personas en el pueblo es constante, pero la comunidad se reunió para cerrar la entrada de personas desconocidas dentro del pueblo en este período de pandemia. Nuestro complejo no tenía Internet, lo que hace que la comunicación con nuestras familias y familiares de otras comunidades aún sea más difícil. Estábamos viendo en televisión a la gente moribunda, que tenían más miedo y todo el mundo estaba tenso, pero nuestro pueblo no dejó de actuar, uno aconsejando al otro, siempre orando a Dios que nos protegería.

Unos días después del Día de la Madre tuve que viajar con Sergio dos Santos hasta la aldea Tukay, por la noche, para usar Internet y tener información y noticias de nuestras familias y familiares que viven en otros pueblos. Ese día me marcó, porque no sabíamos nada y el virus ya estaba en las aldeas indígenas de Oiapoque. La primera noticia que recibimos fue de la aldea de Kumarumã, el pueblo más grande de mi pueblo y donde están muchos parientes. Esta noticia conmocionó a mi pueblo Anawera, fueron unas 23 horas cuando volvimos y advertimos a la comunidad, todo el mundo estaba desesperado, era como si todos fueran a morir, porque sabían que no tenían medicina y que las comunidades no estaban preparadas.

Pero Dios dio la naturaleza y sabiduría para que pudiéramos usarla y protegerla. Mi padre es el chamán "Levê", su conocimiento de las plantas ayudó mucho, conocimiento de los remedios tradicionales. Cuando sentí los primeros síntomas pensé en mis hijos y mis padres, porque son muy viejos, mi madre tiene 88 años y mi padre tiene 91 años, pensé que no podrían soportar, pensé que iba a perder a mis padres. Cada persona, cada anciano que murió, nadie podía decirse a mis padres, porque no podía dejarlos sin esperanza de sobrevivir, porque también se contagiaron con Covid-19. Pero mi padre tenía su visión de un chamán, sabía lo que estaba pasando, ve este mal del otro mundo, nadie puede ocultarle nada. En la casa de mi padre era sólo remedios para luchar contra varias enfermedades, yo, mis hermanos, sobrinos, cuñados, todos estaban sin esperanza, mas él es un guerrero. Usamos nuestros remedios tradicionales para combatir este virus, porque no sirve de nada ir a la ciudad, no hay medicina, nadie puede

visitarte y ayudarte, es diferente de nuestro pueblo. A través de estos remedios tradicionales mi padre se está recuperando, en el pueblo todo el mundo se está curando. Es por eso, que debemos preservar y valorar nuestros conocimientos tradicionales de la naturaleza.

Aldeia Anawera, Oiapoque, Brasil, 08 de julio de 2020

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)



   108

17 comentários 97 compartilhamentos